

*ELIAS CANETTI*

*MASSA E PODER*

Tradução:  
SÉRGIO TELLAROLI



*A ORDEM*

“Ordem é ordem.” É possível que o caráter definitivo e indiscutível atrelado à ordem seja a causa da pouca reflexão a seu respeito. Aceita-se a ordem como algo que sempre existiu; ela parece tão natural quanto imprescindível. Desde pequeno, o homem acostuma-se às ordens; nelas consiste, em boa parte, aquilo a que se chama educação; e mesmo a totalidade da vida adulta encontra-se impregnada delas, seja na esfera do trabalho, da luta ou da fé. Pouquíssimas vezes o homem se perguntou o que, de fato, é a ordem: se ela é tão simples quanto parece; se, a despeito da prontidão e facilidade com a qual produz o efeito esperado, ela não deixaria outras marcas, mais profundas e talvez até hostis, naquele que obedece a ela.

A ordem é mais antiga que a fala, pois, se assim não fosse, os cães não a entenderiam. O adestramento de animais repousa justamente no fato de eles, sem conhecer uma língua, aprenderem a compreender o que se quer deles. A vontade do domador é-lhes transmitida por meio de ordens breves e bastante claras, as quais, em princípio, em nada diferem daquelas transmitidas ao homem. Eles obedecem ao domador, do mesmo modo como acatam as proibições. Está-se, portanto, inteiramente certo em buscar raízes bastante antigas para a ordem; no mínimo, está claro que, sob alguma forma, ela existe também fora da sociedade humana.

A mais antiga forma de atuação da ordem é a *fuga*. Ela é ditada ao animal por algo mais forte, por uma criatura *exterior* a ele. A fuga é espontânea somente em aparência; o perigo sempre possui uma forma, e, sem que a tenha vislumbrado, animal algum foge. A ordem de fuga é tão forte e direta quanto o olhar.

Da essência da fuga faz parte, desde o início, a diversidade de ambas as criaturas a confrontar-se. O mais forte apenas informa que quer devorar o outro, daí a seriedade mortal da fuga. A “ordem” obriga o animal mais

fraco a pôr-se em movimento, sendo indiferente que este venha ou não a ser realmente perseguido. O que importa é tão-somente a força da ameaça — do olhar, da voz, da figura aterradora.

Assim, a ordem tem sua origem na *ordem de fuga*; em sua forma mais primitiva, ela acontece entre dois animais de espécies distintas, um dos quais ameaça o outro. A grande diferença de poder entre ambos; o fato de que um está acostumado, poder-se-ia dizer, a servir de presa para o outro; o caráter inabalável dessa relação, que parece estabelecida desde sempre — a soma, enfim, de tudo isso confere ao acontecimento algo de absoluto e irrevogável. A fuga é a única e última instância à qual se pode apelar contra uma tal pena de morte. O rugido de um leão que sai à caça de uma presa é, na realidade, uma sentença de morte: trata-se do *único* som de sua língua, o qual todas as suas vítimas compreendem, sendo mesmo possível que tal ameaça seja a única coisa que elas, tão diferentes entre si, têm em comum. A mais antiga das ordens — uma ordem transmitida muito antes da existência dos homens — é a sentença de morte, obrigando a vítima a fugir. Haveremos de nos lembrar disso quando tratarmos aqui da ordem entre seres humanos. Por baixo de toda e qualquer ordem reluzem a sentença de morte e seu caráter medonho. Entre os homens, o sistema das ordens encontra-se organizado de tal forma que usualmente escapa-se da morte; mas o pavor diante desta, a ameaça, está sempre contido nelas; a manutenção e o efetivo cumprimento de sentenças de morte mantêm desperto o pavor diante de toda e qualquer ordem, e de ordens de uma maneira geral.

Esqueçamos, porém, por um momento, o que descobrimos acerca da origem da ordem e a examinemos imparcialmente, qual constituísse ela pela primeira vez objeto de contemplação.

A primeira coisa que chama a atenção na ordem é que ela desencadeia uma ação. Um dedo esticado, apontando para uma direção, pode surtir o efeito de uma ordem: todos os olhos que o avistam voltam-se para aquela mesma direção. A impressão que se tem é a de que a ação desencadeada, dotada de uma direção definida, é tudo quanto interessa à ordem. A direção determinada é particularmente importante: sua inversão é tão inadmissível quanto sua alteração.

É próprio da ordem que ela não admita nenhuma resistência. Não se pode discuti-la, explicá-la ou colocá-la em dúvida. Ela é concisa e clara, pois precisa ser entendida de imediato. Uma hesitação qualquer em sua recepção prejudica-lhe a força. A cada vez que sua repetição não se faz acompanhar de seu cumprimento, ela perde algo de sua vida; passado algum tempo, jazera no chão, esgotada e impotente, e, sob tais circunstâncias, o melhor é não reanimá-la. Isso porque a ação que a ordem desencadeia está atrelada a seu momento. Pode-se fixá-lo para o futuro, mas tem-se de *defini-lo*, ou expressamente ou pela natureza clara da própria ordem.

A ação que é executada sob uma ordem é diferente de todas as demais ações. Ela é percebida como algo *albeio*; sua lembrança é como um roçar — algo que não é parte de nós e que sopra feito um vento estranho, seguindo rapidamente adiante. É possível que a pressa que uma ordem demanda para o seu cumprimento contribua para essa estranheza com que ela é lembrada; somente isso, porém, não basta como explicação. É importante para a ordem que ela provenha de *fora*. Por si só, ela não ocorreria a ninguém, mas faz parte daqueles componentes da vida que são *impostos*; ninguém a desenvolve em si próprio. Mesmo nas ocasiões em que homens solitários subitamente aparecem, munidos de um gigantesco amontoado de ordens e tentando fundar uma nova fé ou renovar outra antiga, a aparência de uma carga estranha e imposta é sempre rigorosamente mantida. Eles jamais falarão em seu próprio nome. O que exigem dos outros é o que lhes foi ordenado, e, por mais que mintam em muitas coisas, em um ponto serão sempre honestos: acreditam que foram *enviados*.

A ordem provém, pois, de algo estranho àquele que a recebe, mas algo que tem também de ser reconhecido como *mais forte*. Obedece-se porque uma luta não teria nenhuma perspectiva de êxito; o vencedor seria aquele que deu a ordem. O poder desta tem de ser inquestionável; se ele esmorece, precisa estar pronto a impor-se novamente pela força. De um modo geral, é reconhecido por um longo tempo. É espantosa a raridade com que novas decisões são exigidas: os efeitos das antigas são suficientes. Combates vitoriosos seguem vivendo através das ordens: a cada ordem seguida renova-se uma antiga vitória.

Visto de fora, o poder daquele que dá a ordem cresce incessantemente. A mais ínfima ordem contribui já para esse crescimento. O que ocorre não é apenas que ela é habitualmente útil àquele que a transmite; há também, na própria natureza da ordem, no reconhecimento que ela encontra, no espaço que ela percorre, em sua cortante pontualidade — em tudo isso, enfim, há algo que garante ao poder a segurança e o crescimento de sua esfera. O poder dispara ordens qual uma nuvem de flechas mágicas: as vítimas por elas atingidas oferecem-se elas próprias ao poderoso, convocadas, tocadas e guiadas pelas flechas.

Não obstante, a simplicidade e a unicidade da ordem, afigurando-se absolutas e inquestionáveis à primeira vista, revelam-se aparentes quando examinadas mais de perto. A ordem deixa-se decompor. E decompô-la é necessário, ou jamais se aprenderá a compreendê-la.

Toda ordem compõe-se de um *impulso* e de um *agulhão*. O impulso obriga o receptor ao seu cumprimento, e, aliás, da forma como convém ao conteúdo da ordem. O agulhão, por sua vez, permanece naquele que a executa. Quando o funcionamento das ordens é o normal, em conformi-

dade com o que se espera delas, nada se vê desse agulhão. Ele permanece oculto, e não se imagina que exista; antes do cumprimento da ordem ele talvez, quase imperceptivelmente, se manifeste numa ligeira resistência.

Mas esse agulhão penetra fundo no ser humano que cumpriu uma ordem, e permanece imutavelmente cravado ali. Dentre todas as construções psíquicas, nada há que seja mais imutável. O conteúdo da ordem preserva-se no agulhão; sua força, seu alcance, sua delimitação — tudo isso foi já definitivamente prefigurado no momento em que a ordem foi transmitida. Pode levar anos, décadas, até que aquela porção fincada e armazenada da ordem — sua imagem exata em pequena escala — ressurja. Mas é importante saber que ordem alguma jamais se perde; ela nunca se esgota realmente em seu cumprimento, mas permanece armazenada para sempre.

Os destinatários mais afetados pelas ordens são as crianças. Parece um milagre que não sucumbam ao peso delas, que sobrevivam aos atos de seus educadores. Que, mais tarde, e com crueldade em nada menor do que a destes últimos, elas façam o mesmo com seus próprios filhos, é algo tão natural quanto o comer e o falar. Sempre surpreendente permanece, contudo, a integridade com que as ordens se preservam desde a mais tenra infância: quando a geração seguinte fornece suas vítimas, elas estão já a postos. Não se alteram um milímetro sequer; poderiam ter sido transmitidas uma hora antes, mas, na realidade, o foram vinte, trinta anos atrás, ou até mais. A força com que as ordens chegam às crianças, a tenacidade e fidelidade com que ela as preserva não constituem um mérito pessoal. Nem a inteligência nem dom especial algum têm algo a ver com isso. Criança alguma, nem mesmo a mais comum dentre elas, esquece ou perdoa qualquer das ordens com as quais a destratarem.

Mais fácil é que se modifique a aparência de um homem, aquilo em função do qual os outros o reconhecem — a postura de sua cabeça, a expressão de sua boca, seu jeito de olhar —, do que a forma da ordem que, na qualidade de um agulhão, nele permaneceu armazenada e inalterada. E, igualmente inalterada, essa ordem é expelida, bastando que se apresente a oportunidade para tanto; a nova situação, na qual ela se desprende, há de ser idêntica à antiga, na qual ela foi recebida. A reprodução *invertida* de tais situações antigas constitui uma das grandes fontes de energia psíquica na vida do homem. A “espora”, por assim dizer, que faz com que as pessoas busquem atingir uma coisa ou outra é a profunda necessidade de livrar-se das ordens um dia recebidas.

Somente a ordem *cumprida* crava seu agulhão naquele que a ela obedeceu. Quem se esquiva das ordens não precisa armazená-las. “Livre” é apenas o homem que soube esquivar-se das ordens, e não aquele que delas se liberta somente a posteriori. Aquele, porém, que **necessita de mais tem-**

po para **essa libertação**, ou que jamais logra atingi-la, **este é indubitavelmente o menos livre de todos.**

Nenhuma pessoa normal entende que seguir seus próprios instintos constitua uma falta de liberdade. Mesmo quando estes se fazem vigorosos ao extremo, de modo que sua satisfação conduz às mais perigosas complicações, a pessoa em questão terá a sensação de estar agindo por conta própria. Em seu íntimo, no entanto, todos se voltam contra a ordem que lhes foi transmitida de fora e que têm de cumprir: quando isso ocorre, falam em pressão, e reservam-se o direito de inverter a situação e rebelar-se.

### A DOMESTICAÇÃO DA ORDEM

A ordem de fuga, contendo uma ameaça de morte, pressupõe uma grande diferença de poder entre os envolvidos. Aquele que obriga o outro a fugir poderia matá-lo. Essa situação básica encontrada na natureza resulta do fato de que muitas espécies de animais alimentam-se de outros animais. Mas são *outras* as espécies de que vivem. Assim, a maioria dos animais sente-se ameaçada por outras espécies estranhas e inimigas, destas recebendo a ordem de fuga.

Aquilo, porém, a que chamamos ordem na vida cotidiana verifica-se entre *homens*: o senhor dá ordens a seu escravo; a mãe, a seus filhos. Em seu desenvolvimento, essa ordem que conhecemos distanciou-se bastante de sua origem biológica: a ordem de fuga. Ela se domesticou. É aplicada nas relações sociais em geral, mas também nos relacionamentos íntimos da convivência humana; o papel que ela desempenha no Estado não é menor do que aquele que desempenha na família. Seu aspecto é bastante diverso daquele aqui descrito como ordem de fuga. O senhor chama seu escravo e ele vem, embora saiba que vai receber uma ordem. A mãe chama o filho, e nem sempre ele sai correndo. Embora ela o inunde de ordens de toda sorte, ele, de um modo geral, conserva a confiança que tem na mãe. Permanece junto dela ou vai correndo ao seu encontro. O mesmo acontece com o *cão*: ele permanece ao lado de seu dono, atendendo de imediato quando este assobia.

Como se deu essa domesticação da ordem? O que tornou inofensiva a ameaça de morte? A explicação para esse desenvolvimento reside no fato de, em cada um desses casos, se praticar uma espécie de suborno. O senhor dá de comer a seu escravo ou a seu cão; a mãe alimenta seu filho. A criatura que se encontra numa situação de submissão acostuma-se a receber seu alimento de uma só mão. Tanto o escravo quanto o cão recebem

seu alimento tão-somente das mãos de seu senhor; ninguém mais tem a obrigação de lhes dar qualquer outro alimento — e, na verdade, a ninguém mais é permitido fazê-lo. A relação de posse consiste em parte em que todo alimento lhes chegue unicamente pela mão de seu senhor. A criança, por sua vez, não é capaz de alimentar-se a si própria; desde o princípio, ela depende do peito da mãe.

Criou-se, assim, um estreito vínculo entre a concessão do alimento e a ordem. Tal vínculo se verifica muito nitidamente na prática do amestramento de animais. Quando o animal faz o que deve fazer, ele recebe seu petisco da mão do amestrador. A domesticação da ordem faz desta última uma promessa de alimentação. Em vez de se ameaçar com a morte e obrigar à fuga, promete-se o que, antes de mais nada, toda criatura deseja, e cumpre-se rigorosamente essa promessa. Em vez de servir de alimento a seu senhor; em vez de ser devorada, a criatura que recebe uma ordem desse tipo obtém ela própria algo para comer.

Essa desnaturalização da ordem biológica de fuga educa homens e animais para uma espécie de prisão voluntária, existente em todos os níveis e gradações possíveis. Mas não altera completamente a essência da ordem. A ameaça é sempre preservada. Ela é abrandada, mas há sanções expressas para a não-obeidência, e tais sanções podem ser bastante rigorosas. A mais rigorosa delas é a sanção original: a morte.

### O CONTRAGOLPE E O MEDO DA ORDEM

Uma ordem é como uma flecha: é disparada e atinge seu alvo. Antes de atirá-la, o mandante faz mira. Com sua ordem, ele pretende atingir uma pessoa específica; a flecha tem sempre uma direção escolhida. E permanece cravada naquele que atingiu; este tem de arrancá-la e passá-la adiante, a fim de libertar-se de sua ameaça. Na realidade, esse processo de transmissão da ordem adiante desenrola-se como se seu receptor a arrancasse de si próprio e, a seguir, distendendo seu próprio arco, arremessasse a mesma flecha adiante. O ferimento em seu corpo se fecha, mas deixa para trás uma cicatriz. Toda cicatriz possui uma história: ela é a marca deixada por uma determinada flecha.

O mandante, que disparou a flecha, sente, porém, um leve contragolpe. O verdadeiro contragolpe — o contragolpe psíquico, poder-se-ia dizer —, ele sentirá apenas quando vir que a flecha atingiu seu alvo. Termina aqui a analogia com a flecha física. Tanto mais importante faz-se, contudo, examinar as marcas que o disparo bem-sucedido deixa no feliz atirador.

A satisfação pelas ordens cumpridas — isto é, por aquelas transmitidas com sucesso — dissimula muito do que se passa no atirador. A sensação de algo como um contragolpe está sempre presente nele; o que ele fez fica estampado não apenas na vítima, mas também nele próprio. Uma grande quantidade de tais contragolpes acumula-se, transformando-se em *medo*. Trata-se de um tipo especial de medo, resultante da repetição freqüente de ordens. Por essa razão, chamo-o o *medo da ordem*. Naquele que apenas transmite as ordens adiante, esse medo é reduzido; mas faz-se maior quanto mais próximo o mandante estiver da verdadeira fonte das ordens.

Não é difícil compreender como ocorre esse medo da ordem. Um tiro que mata um ser isolado não resulta em perigo algum. O morto não pode mais fazer nenhum mal àquele que o matou. Uma ordem que, embora ameaçando com a morte, acaba por não matar, deixa para trás a lembrança da ameaça. Algumas ameaças erram o alvo; outras, porém, o atingem, e são estas que jamais são esquecidas. Aquele que fugiu da ameaça ou cedeu a ela, este irá certamente vingar-se. Chegado o momento, ele sempre se vinga, e aquele de quem a ameaça partiu tem consciência disso: ele tem de fazer de tudo para tornar impossível uma tal inversão.

A sensação do perigo — a de que todos aqueles aos quais se deu ordens, todos os ameaçados de morte, estão *vivos* e se *lembram* —, um perigo ao qual se estaria exposto se todos os ameaçados de morte se juntassem contra aquele que os ameaçou; esse sentimento profundo, mas que permanece indefinido, porque não se sabe quando os ameaçados passarão da lembrança à ação; esse sentimento torturante, inexaurível e ilimitado do perigo é, pois, o que eu chamo de medo da ordem.

Ele é maior naquele que se encontra no topo. Na fonte da ordem, naquele que extrai de si as ordens que dá e que não as recebe de ninguém; naquele, pois, que as gera ele próprio, por assim dizer, aí a concentração do medo da ordem é a maior que há. Nos detentores de poder, esse medo pode permanecer longamente reprimido e oculto. No curso da vida de um soberano, ele pode intensificar-se, manifestando-se, então, sob a forma do furor dos césares.

### A ORDEM DADA A MUITOS

Há que se diferenciar a ordem transmitida a *indivíduos* daquela transmitida a *muitas pessoas* ao mesmo tempo.

Essa diferença está presente já na origem biológica da ordem. Muitos animais vivem isolados e recebem isoladamente a ameaça de seus inimigos. Outros vivem em bandos, e é nessa condição que são ameaçados. No

primeiro caso, o animal foge e se esconde sozinho. No segundo, o bando inteiro foge. Um animal que normalmente vive em bando, mas, por acaso, é surpreendido sozinho pelo inimigo busca fugir rumo a um bando. A fuga individual e a fuga em massa são essencialmente diversas. O medo sentido em massa por um bando em fuga é o mais antigo e — poder-se-ia dizer — o mais familiar dos estados de massa que se conhecem.

É muito provavelmente do medo sentido em massa que se origina o *sacrifício*. Um leão a perseguir um bando de gazelas, que, por medo, fogem juntas, interrompe sua perseguição assim que logra capturar uma delas. Esse animal é sua vítima, inclusive no sentido mais amplo da palavra. Ele propicia a paz para seus companheiros de bando. Tão logo o leão consegue o que quer, e tão logo o bando o percebe, o medo deste último diminui. Da fuga em massa, ele retorna a seu estado normal de bando: os animais todos se põem a pastar livremente e a fazer o que bem entendem. Tivessem as gazelas uma religião, o leão seria seu deus; poderiam assim, para saciar-lhe a avidez, entregar-lhe voluntariamente uma gazela. É precisamente isso o que ocorre com os homens: neles, é do medo sentido em massa que deriva o sacrifício religioso. Este detém por algum tempo a perseguição e sacia a fome do poder hostil.

Quando sente medo, a massa quer permanecer *reunida*. Em grande perigo, ela só se sente protegida quando sente também a proximidade dos companheiros. É especialmente em razão da direção de sua fuga que ela constitui uma massa. Um animal que se destaque, tomando uma direção própria, encontra-se em maior perigo que os outros. E sentirá mais o perigo particularmente porque está só; seu medo é maior. Poder-se-ia designar a direção comum dos animais fugindo em conjunto sua "convicção"; aquilo que os mantém coesos compele-os mais vigorosamente adiante. Eles não entrarão em pânico enquanto não se sentirem abandonados, enquanto, lado a lado, cada animal fizer o mesmo que os demais, executando exatamente os mesmos movimentos. Essa fuga em massa, mediante o movimento paralelo das patas, dos pescoços e das cabeças, equivale àquilo que, em relação aos homens, chamo de massa *palpitante* ou *rítmica*.

Tão logo, porém, os animais encontrem-se cercados, o quadro se altera. Uma direção comum de fuga já não é mais possível. Da fuga em massa faz-se, então, o *pânico*: cada animal busca salvar-se por si próprio, constituindo assim um impedimento para que os demais o façam. O anel ao seu redor se estreita. Na carnificina que então tem início, cada animal é inimigo do outro, pois cada um deles impede o caminho dos demais rumo à salvação.

Mas voltemos agora à ordem propriamente dita. A ordem dada a um indivíduo, afirmou-se, é diferente daquela transmitida a muitas pessoas. An-

tes de fundamentar essa afirmação, convém tratar de sua exceção mais importante.

Uma reunião artificial de muitas pessoas é o que se tem no exército. Nele, a diversidade das ordens se anula, e é precisamente nisso que consiste sua essência. Seja a ordem dirigida a um indivíduo, a alguns ou a muitos deles, aqui ela sempre significa exatamente a mesma coisa. Um exército só subsiste se as ordens são equivalentes e constantes. Elas vêm de cima e permanecem rigorosamente isoladas. Assim sendo, o exército jamais pode ser uma massa.

E isso porque, na massa, a ordem propaga-se horizontalmente por seus membros. De início, ela pode, partindo de cima, atingir um único indivíduo. Como, porém, outros iguais a ele encontram-se a seu lado, ele prontamente a transmite a estes. Com medo, aproxima-se dos companheiros e, num instante, a ordem os contamina. De início, uns poucos se põem em movimento; depois, outros e, por fim, todos. Graças à imediata propagação da mesma ordem, transformaram-se numa massa e, agora, fogem todos juntos.

Uma vez que a ordem dispersa-se de imediato, não chega a formar-se um agulhão. Não há tempo para isso; aquilo que se teria transformado num componente permanente dissolve-se de pronto. A ordem dada à massa não deixa agulhões. A ameaça que conduz à fuga em massa dilui-se na própria fuga.

É a ordem em sua situação *isolada* que conduz à formação do agulhão. A ameaça que acompanha a ordem dada ao indivíduo é *incapaz* de diluir-se por completo. Quem quer que tenha cumprido sozinho uma ordem conserva em si, na qualidade de um agulhão, sua resistência contra ela — um duro cristal do rancor. Desse agulhão, ele somente logrará livrar-se dando ele próprio aquela mesma ordem. Seu agulhão nada mais é do que a imagem oculta e idêntica da ordem que recebeu e não pôde, no mesmo instante, passar adiante. E é apenas sob a forma dessa imagem idêntica que ele consegue libertar-se dele.

Uma ordem dada a muitos tem, pois, um caráter bastante particular. Seu propósito é fazer desses muitos uma massa, e, na medida em que o consegue, ela não desperta medo algum. O slogan do orador que impõe uma direção às pessoas reunidas na sua frente possui precisamente essa função, e deixa-se compreender como uma ordem transmitida a muitas pessoas. Do ponto de vista da massa, que gostaria de formar-se velozmente e preservar-se como uma unidade, tais slogans são úteis e imprescindíveis. A arte do orador consiste em sintetizar seus propósitos em slogans e apresentá-los com vigor, auxiliando assim no nascimento e na preservação da massa. Ele *gera* a massa e a mantém viva mediante uma ordem superior.

Uma vez tendo-o conseguido, pouco importa o que venha então a efetivamente exigir dela. O orador poderá insultar e ameaçar de modo terrível uma assembléia de indivíduos isolados; se desse modo lograr transformá-los numa massa, eles o amarão.

### A EXPECTATIVA DA ORDEM

No cumprimento do dever, o soldado só age sob ordens. Ele pode ter vontade de fazer uma coisa ou outra, mas, sendo soldado, isso não conta: tem de renunciar a fazê-lo. Um soldado não pode ver-se diante de uma encruzilhada, pois, diante de uma, não é ele quem decide qual dos caminhos tomar. Sua vida ativa é restrita sob todos os aspectos. Ele faz o que todos os demais soldados fazem *juntamente* com ele; e faz o que lhe é ordenado. A ausência nele de todos os demais atos que os outros homens acreditam praticar de livre e espontânea vontade torna-o sedento dos atos que ele *tem* de executar.

Uma sentinela de pé em seu posto durante horas é o que melhor expressa a constituição psíquica do soldado. Não lhe é permitido abandonar tal posto; ele não pode adormecer ou mover-se, a não ser que certos movimentos delimitados com precisão lhe tenham sido prescritos. Sua verdadeira façanha consiste na resistência a toda tentação de deixar seu posto, qualquer que seja a forma que esta assuma. Esse *negativismo* do soldado — conforme se pode muito bem designá-lo — é sua espinha dorsal. Ele reprime dentro de si todos os pretextos usuais para a ação nos quais tão fundamentalmente consiste a vida humana, como o prazer, o medo, a inquietude. E os combate melhor nem sequer admitindo-os.

Toda ação que, então, efetivamente pratica há de ter sido sancionada — por uma ordem. Como é difícil para um ser humano não fazer *coisa alguma*, acumula-se no soldado muita expectativa acerca daquilo que lhe é permitido fazer. Esse desejo de agir congestiona-se, atingindo proporções incomensuráveis. Sendo, porém, toda ação precedida por uma ordem, sua expectativa volta-se para esta última: o bom soldado encontra-se sempre num estado consciente de *expectativa da ordem*. Seu treinamento intensifica-a de todas as formas, e ela se expressa claramente nas posturas e fórmulas militares. O momento vital na vida de um soldado é aquele da posição de sentido diante de seu superior. Num estado máximo de tensão e receptividade, ele o tem diante de si, e a fórmula que repete — Às ordens! [*Zu Befehl!*] — exprime com bastante exatidão aquilo de que se trata aí.

O treinamento do soldado começa por *proibir-lhe* muito mais do que é proibido aos demais homens. Pesados castigos impõem-se às mais insig-

nificantes transgressões. Para ele, a esfera do não-permitido com que todos somos familiarizados já desde crianças estende-se até o gigantesco. Muros e muros são erguidos ao seu redor, iluminados para ele, fazendo-os crescer na sua frente, tão altos e rigorosos quanto visíveis. Fala-se neles continuamente, de modo que ele não pode dizer que não os conhece. E começa a mover-se como se sempre os sentisse em torno de si. A *angularidade* do soldado é como o eco em seu corpo da dureza e lisura dos muros; ele adquire algo das características de uma figura estereométrica. É um prisioneiro que se adaptou a seus muros; um prisioneiro satisfeito por sê-lo e que se opõe em tão pouca medida a sua situação que os muros lhe moldam a forma. Enquanto outros prisioneiros pensam apenas em como pular seus muros ou como rompê-los, o soldado os reconheceu como sua nova natureza, como um ambiente natural ao qual se adapta e no qual ele próprio se transforma.

Aquele que tão intensamente incorporou a proibição em sua totalidade; aquele que, na rotina de seu dia — e de todos os dias —, demonstra que sabe evitar com máxima precisão o proibido, esse, e somente esse, é realmente um soldado. Para alguém assim, a ordem possui, pois, um valor elevado. Ela é como escapar de uma fortaleza na qual se jaz já há tempo demais. A ordem atinge o soldado qual um raio que o lança por sobre os muros da proibição — um raio que somente às vezes mata. Nesse vasto deserto do proibido que se estende por todo o seu redor, a ordem lhe chega como uma salvação: a figura estereométrica adquire vida e, a uma ordem, põe-se em movimento.

Faz parte do treinamento do soldado que ele aprenda a receber ordens de duas maneiras: sozinho ou junto com os outros. O exercício o acostumou a movimentos que ele executa em conjunto com os outros e que hão de ser absolutamente idênticos em todos. Trata-se aí de uma espécie de precisão que se adquire melhor imitando os outros do que sozinho. O soldado torna-se, assim, como seus companheiros; produz-se uma igualdade que, oportunamente, pode ser empregada para fazer de uma divisão do exército uma massa. Costumeiramente, porém, o que se deseja é o contrário: igualar os soldados o máximo possível uns aos outros *sem* que deles resulte uma massa.

Quando reunidos numa unidade, agem de acordo com as ordens transmitidas a todos. Cumpre que haja, porém, a possibilidade de *separá-los*, de destacar dois, três homens, a metade deles, ou quantos seu superior desejar. O fato de marcharem juntos deve constituir mera aparência; é a divisibilidade de uma unidade militar que responde por sua utilidade. A ordem deve sempre ser capaz de atingir um certo número de soldados: um, vinte ou a unidade inteira. Sua eficácia não deve depender do número de ho-



mens ao qual ela é dirigida. A ordem é a mesma, seja ela recebida por um soldado ou por todos. Essa natureza constante da ordem é de grande importância, pois afasta-a de toda e qualquer influência da massa.

Quem dá as ordens num exército deve ser capaz de manter-se livre de toda e qualquer massa — *exterior* ou *interior* a ele. E ele o aprendeu sendo treinado na expectativa da ordem.

#### A EXPECTATIVA DA ORDEM NOS PEREGRINOS DE ARAFAT

O momento mais importante da peregrinação a Meca, seu verdadeiro ápice, é o *wukuf* ou a “estação de Arafat” — a estação antes de Alá —, distante algumas horas de Meca. Uma gigantesca massa de peregrinos — às vezes de 600 mil ou 700 mil pessoas — aloja-se num vale cercado de colinas escaldadas e compele-se rumo ao “monte da Misericórdia”, bem ao centro. Um pregador posta-se lá no alto, no local onde outrora se posicionou o profeta, e profere um solene sermão.

A massa responde-lhe exclamando: “*Labbeika ya Rabbi, labbeika!* Esperamos por tua ordem, senhor; esperamos por tua ordem!”. Tal exclamação é repetida incessantemente ao longo de todo o dia e intensificada até o delírio. Então, numa espécie de medo súbito da massa — chamado *ifadba* ou “rio” —, fogem todos juntos, feito estivessem possuídos, indo-se de Arafat até a próxima parada, Mozdalifa, onde passam a noite, e dali, na manhã seguinte, até Mina. Correm todos numa grande confusão; trombam, pisam uns nos outros, de modo que essa corrida geralmente custa a vários peregrinos a própria vida. Em Mina, uma enorme quantidade de animais é abatida e oferecida em sacrifício; sua carne é imediatamente consumida por todos. O chão se ensopa de sangue e se cobre de restos.

A estação de Arafat é o momento no qual a *expectativa da ordem* atinge na massa de fiéis sua intensidade máxima. Expressa-o claramente a fórmula mil vezes repetida em meio à densa multidão: “Esperamos por tuas ordens, senhor; esperamos por tuas ordens!”. O Islão, a *entrega*, é aí reduzido a seu mais simples denominador: um estado no qual as pessoas não pensam em mais nada senão nas ordens do senhor, invocando-as com toda a sua força. Para o medo súbito que então, a um sinal, tem lugar, conduzindo a uma fuga em massa sem igual, há uma explicação concludente: o antigo caráter da ordem, a *ordem de fuga*, irrompe, sem, no entanto, que os fiéis sejam capazes de saber por que é assim. A intensidade de sua expectativa enquanto massa intensifica ao máximo o efeito da ordem divina, até que esta se converte naquilo que toda ordem originalmente era: uma ordem de fuga. A ordem de deus põe os homens em fuga. A continuação

dessa fuga no dia seguinte, após passarem a noite em Mozdalifa, demonstra que o efeito daquela ordem ainda não se esgotou.

Na concepção islâmica, é a ordem direta de deus que traz a morte aos homens. Dessa morte, os peregrinos procuram escapar, mas a retransmitem aos animais que, em Mina — o ponto final de sua fuga —, são abatidos. Os animais morrem em lugar dos homens, uma substituição conhecida de muitas religiões: basta lembrar aqui o sacrifício de Abraão. Dessa maneira, os homens escapam do banho de sangue que deus concebera para eles próprios. Entregaram-se a sua ordem de tal maneira que, mesmo tendo fugido dele, não lhe privaram do sangue: o chão ensopa-se afinal do sangue dos animais abatidos em massa.

Não há nenhum outro costume religioso que ilustre tão contundentemente a verdadeira natureza da ordem quanto a estação de Arafat, o *wukuf*, e a subsequente fuga em massa, a *ifadba*. No islamismo, no qual o mandamento religioso conserva ainda muito da imediaticidade da própria ordem, a expectativa da ordem e a ordem em si apresentam-se em toda a sua pureza no *wukuf* e na *ifadba*.

#### O AGUILHÃO DA ORDEM E A DISCIPLINA

A disciplina constitui a essência do exército. Há, porém, dois tipos de disciplina: a aberta e a secreta. A disciplina aberta é a da ordem: já se mostrou aqui de que forma o afunilamento da fonte das ordens conduz à formação de uma criatura assaz notável, antes uma figura estereométrica do que uma criatura — o soldado. O que, acima de tudo, o caracteriza é o fato de ele viver num estado constante de expectativa da ordem, o qual se expressa em sua postura e figura; o soldado que abandona esse estado não está cumprindo o seu dever, e o uniforme que veste é mera aparência. A constituição do soldado é reconhecível por todos: ela não poderia ser mais pública.

Mas essa disciplina manifesta não é tudo. Paralelamente a ela, há uma outra da qual ele não fala e que não deve de modo algum exibir-se: trata-se da disciplina secreta. É possível que os mais obtusos apenas raramente tenham consciência dela. Na maioria dos soldados, porém, e especialmente nos de nossa época, ela está sempre desperta, ainda que à sua maneira recôndita. Trata-se da disciplina da *promoção*.

Pode-se achar estranho que algo tão conhecido de todos como a promoção seja caracterizado como secreto. Contudo, a promoção é apenas a expressão visível de algo mais profundo, que, já pelo fato de a natureza de sua função ser compreendida por muito poucos, permanece secreto. A promoção é a manifestação da atuação oculta dos *agulhões da ordem*.

É evidente que, num soldado, tais agulhões hão de acumular-se em proporções gigantescas. Tudo o que ele faz é resultado de uma ordem; não faz outra coisa, nem deve fazê-lo, e isso é precisamente o que a disciplina aberta exige dele. Seus próprios impulsos espontâneos são reprimidos. Ele vive a engolir ordens e, como quer que se sinta ao fazê-lo, jamais lhe é permitido cansar-se delas. Cada ordem que cumpre — e ele as cumpre em sua totalidade — deixa nele um agulhão.

A acumulação progressiva desses agulhões no soldado é um processo que avança rapidamente. Em se tratando de um soldado raso, o grau mais baixo da hierarquia militar, toda e qualquer oportunidade de livrar-se de seus agulhões permanece-lhe vedada, pois não lhe é possível dar ordem alguma. Faz sempre o que lhe mandam. Obedece e, em sua obediência, torna-se cada vez mais rígido.

Uma modificação desse seu estado, que tem algo de violento, só é possível pela promoção. Tão logo é promovido, também ele passa a dar ordens e, ao fazê-lo, começa a livrar-se de uma parte de seus agulhões. Sua situação inverteu-se, ainda que de forma bastante limitada. Ele tem agora de exigir coisas que outrora exigiam dele. O modelo da situação permaneceu exatamente o mesmo; o que mudou foi apenas a sua posição no interior desse modelo. Seus agulhões manifestam-se agora na qualidade de ordens. O que antes seu superior imediato costumava ordenar-lhe, agora é ele próprio quem o ordena. Livrar-se de seus agulhões não é algo que dependa de seu humor; ele é colocado na situação que é precisamente a adequada para tanto: tem de dar ordens. As posições são as mesmas, assim como também as palavras utilizadas são exatamente idênticas. Um outro soldado posta-se agora na sua frente, ostentando a mesma postura que foi outrora a sua. Tal soldado ouve dele a mesma fórmula que ele próprio ouvia antes, no mesmo tom e carregada da mesma energia. A situação idêntica tem algo de sinistro: é como se houvesse sido inventada para atender às necessidades de seus agulhões da ordem. Valendo-se daquilo com que outrora o atingiam, ele agora, enfim, atinge outros.

Contudo, embora tendo chegado tão longe a ponto de seus antigos agulhões se manifestarem — sendo agora exigido dele, por assim dizer, que se manifestem —, ele segue recebendo ordens superiores. O fenômeno, então, se duplica: à medida que se livra dos antigos, novos agulhões acumulam-se nele. São agora mais facilmente suportáveis do que outrora, pois o processo das promoções, já iniciado, empresta-lhes asas: a esperança comprovada de que vai se libertar deles.

Tomando-se esse fenômeno em seu conjunto, pode-se afirmar o seguinte a seu respeito: a disciplina aberta do exército exprime-se na efetiva emissão de ordens, ao passo que a disciplina secreta consiste no emprego dos agulhões armazenados das ordens.

Chama a atenção na história dos mongóis a rigorosa e antiga conexão entre a ordem, o cavalo e a flecha. Pode-se ver nesse vínculo uma razão central da súbita e rápida elevação de seu poder. Um exame desse assunto faz-se imprescindível, e é o que, a seguir, intentar-se-á em poucas palavras.

Biologicamente, como se sabe, a ordem teve sua origem na ordem de fuga. Em toda a sua história, o cavalo, bem como todos os animais ungulados semelhantes a ele, esteve sempre preparado para uma tal fuga; poder-se-ia dizer que é sua especialidade. Ademais, sempre viveu em bandos, bandos estes acostumados a fugir juntos. A ordem para tanto era-lhes dada por perigosos predadores a ameaçar-lhes a vida. A fuga em massa tornou-se, assim, uma das experiências mais freqüentes dos cavalos, e algo como uma qualidade natural sua. Passado o perigo — ou tão logo acreditam que ele tenha passado —, retornam à despreocupada vida em bando, cada animal fazendo o que lhe apraz.

O homem, apoderando-se do cavalo e domando-o, forma com ele uma nova unidade. Aprendeu a fazer uma série de coisas que bem se poderia compreender como ordens que transmite. A menor parte delas compõe-se de sons; a maior, de movimentos bastante específicos para pressionar e puxar o animal, movimentos estes que transmitem ao cavalo a vontade do cavaleiro. O cavalo entende os impulsos da vontade do cavaleiro e obedece a eles. Entre os povos de cavaleiros, o cavalo é tão necessário e familiar a seu senhor que uma relação bastante pessoal desenvolve-se entre ambos, uma submissão de uma intimidade impossível em outras relações.

Anula-se aí a distância física geralmente existente entre o que dá a ordem e o que a recebe — como, por exemplo, aquela entre o cão e seu dono. É o corpo do cavaleiro que transmite suas instruções ao corpo do cavalo. O espaço da ordem reduz-se, assim, a um mínimo. O caráter longínquo, estranho, o roçar que era próprio do caráter original da ordem desaparece. Esta figura é aqui domesticada de uma maneira muito especial; introduziu-se um novo agente na história das relações entre as criaturas: o animal de montaria, o servo sobre o qual se monta; aquele que tem de suportar todo o peso físico de seu senhor e que responde a cada pressão de seu corpo.

Que efeito produz essa relação com o cavalo sobre o gerenciamento das ordens por parte do cavaleiro? A primeira constatação a fazer é que este último tem a possibilidade de retransmitir para seu cavalo as ordens que recebe de um superior. Uma meta que lhe é fixada, ele não a atinge tendo de correr ele próprio até ela, mas dá a seu cavalo a instrução de atingi-la. Como o faz de imediato, não conserva em si agulhão algum. Esquivou-

se dele graças à transmissão da ordem ao cavalo. Livra-se da porção específica de falta de liberdade que essa ordem ter-lhe-ia provocado antes mesmo de ser capaz de senti-la. Quanto mais rápido executa sua tarefa; quanto mais rapidamente monta em seu cavalo e cavalga, tanto menos conserva em si o agulhão. A verdadeira arte desses cavaleiros, tão logo assumem um caráter militar, consiste no fato de conseguirem amestrar uma massa muito maior de receptores de ordens, à qual retransmitem sem demora tudo quanto eles próprios recebem de seus superiores.

Uma disciplina particularmente rígida caracterizava a organização do exército dos mongóis. Aos povos que tomavam de assalto e que tinham de submeter-se a eles — àqueles, pois, que tiveram oportunidade de observá-los de perto —, tal disciplina afigurava-se o mais espantoso e o máximo em rigor que já tinham visto. Fosse ou aos persas, aos árabes, aos chineses, aos russos, aos húngaros ou àqueles monges franciscanos que foram até eles como enviados do papa — a todos eles se afigurava igualmente incompreensível que seres humanos fossem capazes de obedecer de maneira tão incondicional. Tal disciplina, porém, era *facilmente* suportada pelos mongóis ou tártaros — como em geral eram chamados —, pois a porção de seu povo que carregava o fardo maior eram os *cavalos*.

Crianças de dois ou três anos de idade, os mongóis colocavam-nas já sobre os cavalos e as ensinavam a cavalgar. Mencionou-se aqui, anteriormente, quão cedo a criança, no curso de sua educação, é entulhada dos agulhões da ordem. Particularmente cedo pela mãe, que é quem se encontra mais próxima dela, mas também, mais tarde e mais à distância, pelo pai; e mesmo qualquer um a quem se confia sua educação — na verdade, qualquer adulto ou pessoa mais velha à sua volta — não se cansa de transmitirlhe instruções, ordens e proibições. Desde cedo, agulhões de toda sorte acumulam-se na criança; são eles que se transformarão nas aflições e compulsões de sua vida futura. Ela tem, pois, de procurar outras criaturas nas quais possa descarregá-los. Sua vida transforma-se numa só aventura tendo por objeto livrar-se, desfazer-se deles. A criança não sabe por que pratica este ou aquele ato inexplicável, por que mergulha nesta ou naquela relação aparentemente sem sentido.

Comparada, pois, à criação de culturas mais sedentárias e elevadas, a criança mongol ou quirguiz, que tão cedo aprende a cavalgar, desfruta de uma liberdade bastante especial. Tão logo aprende a montar, pode retransmitir ao cavalo todas as ordens que recebe. Descarrega assim, já bem cedo, os agulhões que, embora em proporção muito menor, estão presentes também em sua educação. Antes de qualquer ser humano, é o cavalo que faz o que a criança quer. Ela se acostuma a essa obediência e, assim, vive mais facilmente; mais tarde, porém, espera o mesmo dos homens que subjugam: uma submissão física absoluta.

A essa **relação com o cavalo**, tão decisiva para o gerenciamento da ordem pelos homens, vem somar-se então, entre os mongóis, o significado da *flecha*. Esta é a cópia exata da ordem primitiva, não domesticada.

A flecha é *hostil*; cabe-lhe matar. Ela atravessa em linha reta uma grande distância. As pessoas devem esquivar-se dela, e naquele que não consegue fazê-lo ela se *crava*. Ele poderá retirá-la, mas, mesmo que não se rompa, ela deixará nele uma ferida. (Há muitas histórias sobre ferimentos provocados por flechas nas *Histórias secretas dos mongóis*.) O número de flechas que se pode atirar é ilimitado; a flecha é a principal arma dos mongóis. Eles matam à distância, mas matam também em movimento, montados em seus cavalos.

Já se observou aqui que a toda ordem vincula-se, em função de sua origem biológica, o caráter de uma pena de morte. Aquele que não foge é atingido. E quem é atingido é dilacerado.

Entre os mongóis, a ordem preservava ainda, no mais alto grau, esse caráter de pena de morte. Eles abatiam homens qual se tratasse de animais. O matar constitui sua terceira natureza, assim como o cavalgar é a segunda.

Seus massacres humanos são em tudo exatamente idênticos às suas caçadas, seus massacres de animais. Quando não estão em guerra, eles caçam; suas *manobras* são as caçadas. Há de lhes ter sido altamente surpreendente deparar, em suas extensas conquistas, com sacerdotes budistas e cristãos a falar-lhes do valor especial de toda vida. Por certo, jamais existiu contraste maior: os mestres da ordem nua e crua, que instintivamente a incorporam, defrontam-se com aqueles que, por meio de sua fé, desejam abrandá-la e modificá-la, a ponto de fazê-la perder seu caráter mortal e tornar-se *humana*.

#### AS EMASCULAÇÕES RELIGIOSAS: OS SKOPTSYS

Alguns cultos religiosos celebrados com particular intensidade conduzem, afirma-se, a emasculações. Na Antiguidade, os sacerdotes da Grande Mãe, *Cibele*, eram famosos por isso. Num acesso de loucura, milhares de homens castravam-se a si próprios em honra de sua deusa. Em *Comana*, no Ponto, local de um famoso santuário a ela consagrado, serviam-na 10 mil desses homens. E não eram apenas os homens que se consagravam dessa maneira. Também as mulheres, desejando expressar sua veneração, cortavam fora os seios, juntando-se então à corte da deusa. *Luciano*, em seu *Sobre a deusa síria*, descreve o modo pelo qual, em suas assembleias, os fiéis mergulhavam num estado de delírio, relatando ainda a maneira pela qual, chegada a sua vez, um deles se castra. Trata-se de um sacrifício oferecido

à deusa para demonstrar-lhe, de uma vez por todas, o quanto ela é adorada, e para mostrar-lhe também que amor algum no mundo, à exceção do amor por ela, jamais terá significado algum.

O mesmo fenômeno é narrado com relação à seita russa dos *skoptsys*, as “pombas brancas”, cujo fundador, *Selivanov*, causou grande sensação com o sucesso de suas pregações à época da czarina Catarina II. Também sob sua influência, centenas, talvez milhares de homens castravam-se, e mulheres arrancavam os seios por amor a sua fé. Não se há de supor a existência de nenhum vínculo histórico entre ambas essas crenças. A seita russa brotou do cristianismo russo, 1500 anos, talvez, depois de findos os excessos dos sacerdotes frígio-sírios.

Caracteriza os *skoptsys* a concentração em um número reduzido de mandamentos e proibições, assim como também a concentração em pequenos grupos de adeptos que se conhecem muito bem. Concentrados ao máximo são igualmente sua disciplina, o reconhecimento e a veneração de um Cristo vivo entre eles.

Temendo a distração causada pelos livros, eles quase não lêem. Na Bíblia, são pouquíssimas as passagens que lhes dizem alguma coisa.

A vida entre eles é bastante densa, protegida por variados juramentos sagrados. E isso porque, para eles, o *segredo* desempenha um papel absolutamente extraordinário e decisivo. Seus cultos têm lugar primordialmente à *noite*, apartados e ocultos do mundo exterior. No centro de sua vida encontra-se aquilo que, acima de tudo, eles têm de guardar em segredo — justamente a *castração*, que chamam de *embranquecimento*.

Por meio dessa operação particular, acreditam tornar-se puros e brancos, transformando-se em anjos. Vivem já na terra como se estivessem no céu. O cerimonioso respeito que demonstram uns pelos outros — suas medidas, reverências, promessas e louvores — poderia ser o que os anjos exibem entre si.

A mutilação à qual têm de sujeitar-se possui o caráter pungente de uma ordem. É uma ordem que vem de cima e que eles deduzem de certas palavras de Cristo nos Evangelhos e de algumas palavras de Deus a Isaías.

Tal ordem chega até eles com uma força gigantesca, e com essa mesma força os *skoptsys* precisam passá-la adiante. A teoria do *agulhão* deixa-se aplicar perfeitamente a seu caso. A ordem cumpre-se aí no próprio receptor. Não importa o que ele faça: o que verdadeiramente teria de fazer é castrar-se.

A fim de compreender o que se passa aí, faz-se necessário investigar uma série de ordens de natureza peculiar.

Uma vez que se trata de ordens transmitidas no âmbito de uma rigorosa disciplina, pode-se compará-las às ordens *militares*. Também o soldado

é treinado para expor-se a um perigo. Todos os seus exercícios servem, em última instância, para que, a uma ordem, ele *enfrente* o inimigo, embora este o ameace com a morte. O fato de ele próprio intentar matá-lo não é mais importante do que o fato de ele postar-se firme na sua frente, sem o que jamais seria capaz de matá-lo.

O soldado, como o *skoptsy*, oferece-se em sacrifício. Ambos esperam sobreviver, mas estão preparados para o ferimento, a dor, o sangue e a mutilação. Por meio da batalha, o soldado espera tornar-se um vitorioso. Por meio da castração, o *skoptsy* transforma-se em anjo e tem direito ao céu, no qual, na verdade, já vive.

No que se refere, porém, à disciplina dos *skoptsys*, o que se tem é uma *ordem secreta*, de modo que só se pode compará-la à situação em que se encontra alguém que, premido pelo dever militar, tem de cumprir sozinho, e sem que outros o saibam, uma ordem secreta. Para poder cumpri-la, é inadmissível que ele possa vir a ser reconhecido por seu uniforme, sendo, pois, necessário que se disfarce. O uniforme do *skoptsy* — aquilo que o iguala ao grupo ao qual pertence — é sua castração, e esta, por sua própria natureza, permanece sempre em segredo: revelá-la não lhe é permitido jamais.

Poder-se-ia, portanto, dizer que o *skoptsy* assemelha-se a um membro daquela temida seita dos *assassinos* a quem seu chefe confiou um assassinato acerca do qual ninguém jamais descobrirá. Mesmo que sua execução tenha sido bem-sucedida, pessoa alguma jamais poderá vir a saber como ela se deu. Ainda que a vítima tenha sido morta e o assassino capturado após o crime, o curso real dos acontecimentos nunca poderá ser esclarecido. A ordem é aí uma sentença de morte, bastante próxima, pois, de sua origem biológica. O enviado é mandado para a morte certa, mas isso não vem absolutamente ao caso, pois sua morte, à qual ele se entrega voluntariamente, é empregada para atingir a um outro: a vítima propriamente dita. A ordem amplia-se aí numa *dupla* sentença de morte: uma delas permanece não dita, embora se conte com ela; a outra é a que, com total e claríssima consciência, se visa. O agulhão que pereceria junto com o subordinado é, pois, *utilizado* antes que pereça.

Os mongóis possuem uma expressão bastante ilustrativa dessa premência do matar antes que se seja morto. Em sua *História secreta*, os heróis dizem acerca de um inimigo que, no último minuto de suas vidas, eles desejam matar: “Levo-o comigo como meu travesseiro”.

Se, contudo, graças a essa contemplação dos assassinos, aproximarmos da situação dos *skoptsys*, ainda não a apreendemos com precisão. O *skoptsy*, afinal, tem de atingir ou mutilar a *si próprio*. A ordem que acatou, ele só pode cumpri-la nele mesmo, e somente ao cumpri-la torna-se um verdadeiro membro de seu exército secreto.

Não se deve aí deixar-se enganar pelo fato de que, na prática, a castração é geralmente executada por outra pessoa. Seu sentido reside no fato de o próprio skoptsy oferecer-se a ela. Tão logo ele se declare disposto a tanto, já não importa realmente *como* ela acontece. De todo modo, ele irá, mais tarde, passá-la adiante; o agulhão que o compele a isso permanece sempre o mesmo, pois ele recebeu a ordem de fora.

Mesmo que, como é provável, tenha havido um primeiro a castrar-se, também este agiu a partir de uma suposta ordem provinda do céu. Desta, ele está firmemente convicto. As passagens da Bíblia com o auxílio das quais ele converte os outros converteram-no primeiro: o que recebeu, ele passa adiante.

O agulhão ostenta aqui a forma visível de uma cicatriz no corpo. Ele é menos secreto do que costumeiramente o é o agulhão da ordem. Mas permanece secreto para todos aqueles que não pertencem à seita.

#### NEGATIVISMO E ESQUIZOFRENIA

Um homem pode esquivar-se de uma ordem não lhe dando ouvidos; pode esquivar-se dela não a cumprindo. O agulhão — nunca é demais enfatizá-lo — brota exclusivamente do *cumprimento* das ordens. É a própria ação resultante da pressão externa exercida por um estranho que conduz à formação de agulhões no homem. A ordem, levada adiante até a ação, estampa com precisão a sua forma naquele que a executa; quão profunda e duramente ela o faz é algo que depende, pois, da força com que ela é dada, de sua feição, de sua supremacia e de seu conteúdo. Uma vez que, na qualidade de algo *isolado*, a ordem sempre permanece naquele que a cumpre, é inevitável que todo ser humano acabe por abrigar em si um amontoado de agulhões, também estes isolados como as ordens. A capacidade que tais agulhões têm de aderir ao homem é espantosa; não há nada que seja capaz de penetrar-lhe tão fundo, assim como nada há que seja tão indissolúvel. É possível que chegue um momento no qual ele esteja tão repleto de agulhões que não tenha mais disposição para coisa alguma, nada mais sentindo senão eles.

Sua defesa contra novas ordens torna-se, então, uma questão de vida ou morte. Ele tenta não ouvi-las, a fim de que não tenha de acatá-las. Se tem de ouvi-las, não as entende. Se obrigado a entendê-las, esquiva-se delas da maneira mais surpreendente, fazendo o contrário do que lhe mandam. Se lhe dizem para dar um passo adiante, ele recua; se o mandam recuar, adianta-se. Não se pode afirmar que dessa forma ele fique livre da ordem. Trata-se de uma reação desajeitada, impotente — poder-se-ia dizer —, pois,

à sua maneira, também ela é determinada pelo conteúdo da ordem. Tal reação é o que, na *psiquiatria*, se denomina *negativismo*, algo que desempenha um papel particularmente importante nos esquizofrênicos.

O que mais chama a atenção nos esquizofrênicos é a ausência de todo e qualquer *contato*. Eles se encontram muito mais isolados do que as demais pessoas. Frequentemente causam a impressão de se terem enrijecido em si mesmos, de não haver contato algum entre eles e as demais pessoas, de não entenderem nada e de não quererem entender coisa alguma. Sua teimosia é como a das estátuas de pedra. Inexiste posição na qual não possam enrijecer-se. E, no entanto, em outros momentos de sua doença, esses mesmos homens subitamente comportam-se da maneira inversa. Tornam-se, então, fantásticamente *influenciáveis*. Fazem o que vêem outros fazer ou o que se exige que façam — e com uma rapidez e perfeição que é como se aquele que o exigiu estivesse dentro deles e o fizesse por eles. São acessos de servilismo que, de súbito, os assolam. “Escravidão sugestionada” denominou-o um deles. Transformam-se de estátuas em escravos ansiosos por servir, e fazem o que quer que se queira de um modo exagerado que, com frequência, parece ridículo.

O contraste entre ambas essas atitudes é tão grande que é difícil compreendê-lo. Se, porém, ignoramos temporariamente de que forma essas atitudes se desenham em seu interior e as contemplamos inteiramente *de fora*, por assim dizer, não há como negar que ambos esses estados são bem conhecidos também da vida das pessoas “normais”. O que ocorre é tão-somente que, nesse último caso, eles servem a um determinado propósito e parecem menos exagerados.

O soldado que não responde a nenhum estímulo exterior, que permanece rijo no lugar em que o colocaram, que não abandona seu posto, que nada é capaz de atrair a fazer alguma coisa que, de um modo geral, ele gostaria de fazer e já fez diversas vezes — o soldado bem treinado, no cumprimento do seu dever, encontra-se artificialmente nesse estado de negativismo. É certo que, sob determinadas circunstâncias, ele também é capaz de agir — mais exatamente, a uma ordem de seu superior; do contrário, nunca. A fim de que ele reaja apenas a certas ordens, ele foi treinado nesse negativismo. Trata-se de um negativismo manipulável, pois está nas mãos do arbítrio e do poder de seu superior colocar o soldado no estado oposto. Tão logo alguma ordem lhe é dada pela instância correta, ele passa a se comportar de forma tão prestativa e servil quanto o esquizofrênico em *seu* estado oposto.

Há que se acrescentar que o soldado sabe muito bem por que age dessa maneira. Ele obedece porque sobre ele pesa uma ameaça de morte. Já foi descrito aqui, num capítulo anterior, de que forma ele se acostuma pau-

latinamente a esse estado ao qual, por fim, sua própria natureza interior passa a corresponder. Resta apenas constatar a inequívoca semelhança exterior existente entre o soldado, no cumprimento do seu dever, e o esquizofrênico.

Mas ainda uma outra consideração, inteiramente diversa, impõe-se aqui, e ela não me parece menos importante. O esquizofrênico, em seu estado de extrema sugestionabilidade, comporta-se como o membro de uma massa. Deixa-se impressionar e cede aos estímulos exteriores exatamente na mesma medida. A ninguém ocorre, porém, a possibilidade de esse seu estado dever-se ao fato de ele estar só. Uma vez que não se vê massa alguma ao seu redor, não se cogita de supor que ele — do seu ponto de vista — se encontra como que no interior de uma massa: ele é uma porção de massa que se desprende. Tal afirmação só pode ser comprovada adentrando-se a imaginação do esquizofrênico. Inúmeros são os exemplos que se poderiam citar. Uma mulher declara que “abriga em seu corpo todos os seres humanos”; outra ouviu “os mosquitos falando”. Um homem ouviu “729 mil moças”; outro, “as vozes sussurrantes de toda a humanidade”. Na imaginação do esquizofrênico surgem, sob variados disfarces, todos os tipos existentes de massa. Seria mesmo possível principiarmos daí uma investigação sobre a massa. Coletar e examinar tais concepções da massa nos esquizofrênicos há de constituir tarefa de uma obra à parte. Sua classificação demonstraria a extraordinária completude que apresentam.

É de se perguntar por que razão ambos os estados opostos mencionados acima são necessários para o esquizofrênico. Para compreendê-los, cumpre lembrar o que acontece com um indivíduo assim que ele adentra a massa. Já se descreveu aqui a libertação das cargas de distância, denominada *descarga*. A título de complemento, cumpre acrescentar que fazem parte dessas cargas de distância os aguilhões da ordem que se acumulam em todo indivíduo. Na massa, todos são iguais; ninguém tem o direito de dar ordens aos outros — ou, dizendo-o de outra forma: todos dão ordens a todos. Nela, além de não surgirem novos aguilhões, as pessoas se livram — provisoriamente — de todos os antigos. É como se, sorrateiramente, abandonassem suas casas, deixando-os no porão, onde jazem amontoados. Esse abandono de todos os compromissos rígidos, fronteiras e cargas constitui o verdadeiro motivo da exaltação que o homem sente na massa. Em nenhuma outra parte ele se sente mais livre, e, se gostaria tão desesperadamente de permanecer sendo massa, isso se dá porque ele sabe o que o aguarda: quando volta a si, quando volta para sua “casa”, reencontra tudo de novo — as fronteiras, as cargas e os aguilhões.

O esquizofrênico, sobrecarregado de tal maneira de aguilhões que por vezes enrijece-se neles — esse cacto do seu tormento e desamparo —, mer-

gulha na ilusão do estado oposto: o da massa. Enquanto permanecer nele não sentirá os aguilhões. Salu de si mesmo — ou assim acredita —, e, ainda que tal se dê de uma maneira incerta e duvidosa, ao menos um alívio temporário do tormento dos aguilhões ele parece extrair dessa situação: para ele, é como se novamente estivesse em contato com os outros. O valor dessa salvação é, decerto, ilusório. Precisamente ali, onde ele dá início a sua libertação, novas e mais vigorosas pressões o aguardam. Mas a essência da esquizofrenia não é a questão da qual cumpre tratar aqui. A seu respeito, há de ser suficiente a constatação de que ninguém precisa mais da massa do que o esquizofrênico repleto de aguilhões da ordem e sufocando-se neles. Incapaz de encontrá-la no mundo exterior, ele se entrega à massa em seu interior.

### A INVERSÃO

“Pois qualquer que seja a comida que o homem experimenta neste mundo, ele há de experimentá-la novamente no outro.” Essa afirmação enigmática e inquietante encontra-se no *Sbatapatha-Brahmana*, um dos mais antigos tratados hindus sobre os sacrifícios. Supera-o nesse seu caráter inquietante uma história proveniente desse mesmo tratado. Trata-se da narrativa da viagem do vidente Bhrigu ao além.

Bhrigu, um santo, era um dos filhos do deus Varuna; tendo adquirido grande conhecimento brãmãne, seu saber subiu-lhe à cabeça. Bhrigu tornou-se arrogante, alçando-se acima de seu próprio pai divino. Este, querendo mostrar ao filho quão pouco este sabia, recomendou-lhe uma viagem pelas diversas regiões do céu — Leste, Sul, Oeste e Norte. Bhrigu deveria prestar muita atenção em tudo o que havia para ver e, ao retornar, contar ao pai o que vira.

Em primeiro lugar, no Leste, Bhrigu viu homens decepando um a um os membros de outros homens e repartindo os pedaços entre si. Ao fazê-lo, diziam: “Este é teu, este é meu”. Vendo-o, Bhrigu ficou horrorizado, ao que as pessoas que estavam fazendo as outras em pedaços explicaram-lhe, então, que estas últimas haviam feito exatamente o mesmo com elas no outro mundo, e que agora nada mais faziam do que tratá-las da mesma maneira [...]

Em seguida, Bhrigu partiu em viagem para o Sul, onde viu homens cortando um a um os membros de outros homens e repartindo-os entre si. Diziam: “Este é teu, este é meu”. À sua pergunta, Bhrigu voltou a receber a mesma resposta: aqueles que estavam sendo despedaçados haviam, no outro mundo, feito o mesmo com os que agora os despedaçavam. A seguir, no Oeste, Bhrigu viu homens devorando silentes outros homens, os quais permaneciam igualmente em silêncio. No outro mundo, estes haviam feito o mesmo com aque-

les. No Norte, porém, viu homens que, aos gritos, devoravam outros homens, também estes a gritar, de forma idêntica ao que os últimos haviam feito aos primeiros no outro mundo.

Após o seu retorno, Bhrigu foi incitado por seu pai, Varuna, a, qual um estudante, recitar a lição. Respondeu-lhe, porém: “Mas recitar o quê? Não há nada a dizer!”. Tinha visto coisas demasiado assustadoras e tudo lhe parecia nada.

Varuna soube, então, que o filho tinha visto essas coisas e explicou-lhe: “Os homens no Leste decepando os membros dos outros eram as árvores. Os homens no Sul cortando os membros de outros homens eram o gado. Os homens no Oeste devorando silentes outros igualmente silentes eram as ervas. E os homens no Norte que, aos gritos, comiam outros também aos gritos eram as águas”.

Para todos esses casos, Varuna conhecia os antídotos. Mediante determinados sacrifícios que indicou ao filho, uma pessoa poderia, no além, escapar das conseqüências de seus atos.

Num outro tratado versando sobre os sacrifícios, o *Jaiminiya-Brahmana*, a história de Bhrigu é contada de maneira um pouco diferente. Ele não viaja pelas diversas regiões do céu, mas de um mundo para o outro. Em vez das quatro cenas, têm-se apenas três. Primeiramente, Bhrigu vê árvores que, no além, assumiram a forma humana e agora cortam homens em pedaços e os comem. Em segundo lugar, ele vê um homem devorando outro que grita. A partir disso, é-lhe ensinado que “o gado abatido e comido aqui assumiu, no além, a forma humana, e faz agora com o homem o que este fez outrora ao gado”. Em terceiro lugar, vê um homem devorando outro homem que nada diz. O arroz e a cevada assumiram a forma humana e retribuem assim o que sofreram.

Também nessa versão são indicados sacrifícios. Quem os executa corretamente escapa ao destino de ser, no além, devorado pelas árvores e pelo gado, ou pelo arroz e pela cevada. Contudo, o que nos interessa aqui não são os antídotos contra tal destino. Importante é, antes, a concepção popular que se oculta sob o disfarce sacerdotal. O que se fez neste mundo recebe-se no outro. Não se apresentam agentes especiais da justiça responsáveis pela aplicação do castigo; cada um pune seu próprio inimigo. Tampouco se é punido por quaisquer atos, mas por aquilo que se comeu. “Exatamente do mesmo modo como, neste mundo, os homens comem os animais, no outro mundo, os animais comem os homens.”

Essa afirmação, extraída de um outro *Brahmana* e semelhante àquela que situamos no início de nossa investigação, encontra notável confirmação no *Livro da lei de Manu*. Explica-se ali que não é pecado comer carne, pois isso seria natural nas criaturas. Àquele, porém, que se abstém de comê-la

promete-se uma recompensa especial. A palavra para carne em sânscrito, *mamsa*, pode ser explicada separando-se-lhe as sílabas: *mam* significa “a mim”; *sa* significa “ele”. *Mamsa* significa, pois, “a mim-ele”: “a mim”; que lhe comi a carne neste mundo, “ele” comerá no além. Isso é o que os sábios declaram ser a “carnalidade da carne”; nisso consiste sua natureza carnal, o verdadeiro sentido da palavra *carne*.

A *inversão* é reduzida aí à mais concisa de todas as fórmulas e apreendida na imagem da carne. Eu o como, e ele a mim. A segunda parte da frase — a conseqüência daquilo que fiz — é exatamente a palavra que significa “carne”. O animal que se comeu guarda bem quem foi que o comeu. A morte desse animal não é seu fim. Sua alma segue vivendo e, no além, transforma-se em homem. Aguarda, então, pacientemente pela morte daquele que o comeu. Uma vez morto este último e chegando ao além, a situação original se inverte, transformando-se em seu contrário. A vítima encontra aquele que a comeu, agarra-o, corta-o em pedaços e o come.

A conexão disso tudo com nossa concepção da ordem e do aguilhão que ela deixa para trás está ao alcance da mão. Tudo, porém, apresenta-se de forma tão extrema, tão concreta que, a princípio, nos assustamos. Em vez de ocorrer nesta vida, a inversão somente acontece no além. Em vez da ordem, que apenas ameaça com a morte, obrigando assim a atos de toda sorte, tem-se a morte propriamente dita, e em sua forma mais extrema, na qual o morto é devorado.

Na nossa concepção, já incapaz de considerar seriamente uma existência no além, o aguilhão que a ameaça de morte produz segue existindo enquanto a vítima viver. Que logre operar uma inversão é duvidoso, mas, seja como for, ansiará sempre por ela. O homem é, por fim, inteiramente governado por seu aguilhões, os quais lhe determinam a fisionomia interior; ocorra a libertação ou não, eles constituem o seu destino. Na concepção *hindu*, para a qual o além se afigura uma certeza, o aguilhão, na qualidade do cerne duro da alma, segue existindo mesmo após a morte; a inversão sempre ocorre, tornando-se, assim, o centro da existência no além. Cada um faz exatamente o que lhe foi feito, e o faz ele próprio.

Particularmente significativo é que a mudança de forma não constitua aí um obstáculo à inversão. Não é mais o gado que ele comeu que agarrará e despedaçará o homem no além, mas sim um homem com a alma do gado. Exteriormente, a criatura modificou-se por completo; o aguilhão, porém, permaneceu inalterado. Nas imagens assustadoras que Bhrigu divisa em sua viagem, o aguilhão figura como o principal interesse da alma; poder-se-ia dizer que ela consiste inteiramente nele. A verdadeira essência do aguilhão, de que tanto se falou nesta investigação acerca da ordem; sua absoluta imutabilidade e a precisão da inversão pela qual anseia — tudo isso

adquire sua expressão mais concludente nessa concepção dos hindus do devorado que tem de devorar quem o devorou.

### A DISSOLUÇÃO DO AGUILHÃO

O aguilhão surge quando do cumprimento da ordem. Ele se desprende dela e, conservando-lhe a forma exata, estampa-se naquele que a cumpre. Ele é pequeno, permanecendo oculto e desconhecido; sua qualidade mais essencial — da qual muito já se falou aqui — é sua absoluta imutabilidade. Permanece isolado do restante do ser humano, um corpo estranho em sua carne. Por mais profundamente que se tenha alojado, por mais encapsulada que seja a existência que leva ali, ele é sempre um incômodo para seu possuidor. Fixa-se misteriosamente em seu interior, aprisionado numa espécie de terra estranha.

Ele próprio quer sair, mas dificilmente se safa. Não há como livrar-se dele. A força para libertá-lo tem de ser idêntica àquela com que ele penetrou. De uma ordem em miniatura, o aguilhão precisa novamente transformar-se numa ordem plena. A obtenção dessa força demanda uma inversão da situação original: sua reprodução exata é imprescindível. É como se o aguilhão possuísse sua memória própria, composta de um único acontecimento; como se ficasse meses, anos, décadas à espreita do retorno da antiga situação, até afinal reconhecê-la. Consistindo unicamente nela, ele tem de reconhecê-la; ela é tudo quanto ele é capaz de reconhecer. Subitamente, então, tudo volta a ser exatamente como foi outrora, mas os papéis encontram-se trocados. Nesse momento, o aguilhão aproveita a oportunidade e precipita-se com toda a força sobre sua vítima: a inversão enfim teve lugar.

Contudo, esse caso, ao qual se poderia chamar o mais puro, não é o único possível. Uma ordem pode ser repetida com frequência, partindo de uma mesma fonte e dirigida à mesma vítima, de modo que aguilhões de um mesmo tipo estão sempre se formando. Esses aguilhões idênticos não permanecem isolados, mas precisam vincular-se entre si. Essa nova formação cresce a olhos vistos e não pode mais ser esquecida por seu possuidor. Ela sempre chama a atenção, é sempre pesada e alça-se inteiramente à superfície, por assim dizer.

Uma *mesma* ordem, porém, pode ser transmitida e repetida por *diversas* fontes. Quando isso ocorre com frequência, numa inexorável sucessão, o aguilhão perde sua forma pura e desenvolve-se até transformar-se num monstro — dificilmente poder-se-ia dar-lhe um outro nome — que põe em risco a vida. Assume enormes proporções, tornando-se a principal

substância abrigada por seu possuidor. Tendo-o sempre em mente, este o carrega consigo por toda parte e tenta livrar-se dele a cada oportunidade que se oferece. Incontáveis situações afiguram-se-lhe, então, idênticas à original, parecendo-lhe apropriadas para a inversão. Mas não o são, pois, graças à repetição e ao entrecruzamento das ordens, tudo se fez inexato; ele perdeu a chave para a situação original. As lembranças sobrepujaram-se, assim como também os aguilhões. Sua carga não pode mais ser decomposta em seus elementos constitutivos. O que quer que ele faça, tudo permanece como antes; sozinho, já não é capaz de libertar-se de sua carga.

A ênfase recai aí sobre a palavra *sozinho*. Afinal, existe uma forma de libertação de todos os aguilhões, até mesmo dos mais monstruosos; tal libertação dá-se na massa. Já se falou aqui repetidas vezes da *massa de inversão*. Contudo, antes de investigar a forma de atuação da ordem, não era possível elucidar-lhe a verdadeira essência.

A massa de inversão compõe-se de muitas pessoas e tem por fim sua libertação conjunta dos aguilhões da ordem aos quais, na qualidade de indivíduos, encontram-se desesperadamente entregues. Um grande número de pessoas reúne-se e volta-se contra um grupo de outras nas quais identificam a fonte de todas as ordens que, desde há muito, vêm suportando. Se se trata de soldados, qualquer oficial poderá, então, figurar como aquele sob cujas ordens efetivamente estavam. No caso dos trabalhadores, qualquer empregador será colocado no lugar daquele para o qual de fato trabalhavam. Em tais momentos, as classes e as castas tornam-se realidade, comportando-se como se consistissem em iguais. A classe mais baixa, tendo se sublevado, forma-se numa massa absolutamente coesa; a classe mais alta, cercada pela maioria e em perigo, compõe uma série de maltas ame-drontadas e com o pensamento voltado para a fuga.

Naqueles que agora pertencem à massa, os aguilhões todos — complexos e reunidos em muitas ocasiões diferentes — encontram simultaneamente uma série de seus possíveis causadores. As vítimas de seu ataque estão ali, na sua frente, isoladas ou comprimidas umas contra as outras, e parecem saber muito bem por que sentem tanto medo. Não precisam, necessariamente, ser a fonte deste ou daquele aguilhão; mas, sendo-o ou não, é o que representam, e é como tal que são tratadas com todo o rigor. A inversão que aí se volta simultaneamente contra muitos é capaz de decompor até mesmo o mais pesado dos aguilhões.

No caso mais concentrado dessa espécie, quando o alvo é um único chefe — um rei, por exemplo —, é absolutamente claro o que a massa sente. A fonte última de *todas* as ordens era esse rei; seus dignitários e a nobreza ao seu redor participaram de sua transmissão e execução. Durante muitos anos, os indivíduos nos quais consiste a massa revoltosa foram, me-



diante ameaças, mantidos à distância, e, graças a proibições, forçados à obediência. Numa espécie de movimento retrógrado, eles agora anulam as distâncias: invadem o palácio no qual eram proibidos de entrar. Examinam bem de perto tudo o que ele contém — salas, moradores, móveis. A fuga na qual a ordem real os lançava outrora converte-se em íntima familiaridade. Se, por medo, o rei permite uma tal aproximação, é possível que, provisoriamente, tudo não passe disso; mas não por muito tempo. Uma vez tendo já principiado, o processo geral da libertação dos aguilhões segue inabalavelmente adiante. Há que se considerar aí tudo quanto foi necessário para manter a obediência das pessoas, e quantos aguilhões acumularam-se nelas no curso de tantos anos.

A verdadeira ameaça aos súditos, pesando-lhes incessantemente sobre a cabeça, era a ameaça de morte. De tempos em tempos, uma execução a renovava, comprovando-lhe inequivocamente a seriedade. Há apenas uma maneira de compensar inteiramente essa ameaça. O rei, que mandava decapitar as pessoas, tem de ser decapitado. Com isso, remove-se o aguilhão supremo daqueles que, juntos, tinham de carregá-lo — o mais abrangente de todos os aguilhões, aquele que aparentemente abriga em si todos os demais.

Nem sempre o sentido da inversão deixa-se apreender tão claramente, e nem sempre ela chega a seu extremo. Se a revolta fracassa e os homens não se libertam realmente de seus verdadeiros aguilhões, eles conservam na lembrança o tempo em que foram massa. Durante esse seu estado, eles pelo menos estiveram livres de seus aguilhões, razão pela qual sempre o lembrarão com saudades.

#### ORDEM E EXECUÇÃO. O CARRASCO SATISFEITO

Na presente investigação, *um* caso foi deliberadamente deixado de lado até o momento. Declarou-se já a ordem uma ameaça de morte, e foi dito que ela se origina da ordem de fuga. A ordem domesticada, conforme a conhecemos, vincula à ameaça uma recompensa: a promessa de comida intensifica o efeito da ameaça, mas nada altera em seu caráter. Esta jamais é esquecida. A ameaça permanece existindo para sempre em sua forma original, até que se apresente uma oportunidade de libertar-se dela, retransmitindo-a a outra pessoa.

A ordem, contudo, pode conter também a incumbência de matar, conduzindo, então, à execução. Nesse caso, dá-se de fato aquilo que, nos demais, é apenas ameaçado. Tal acontecimento, porém, envolve duas pessoas: uma delas recebe a ordem; a outra é executada.

Como todos aqueles que se sujeitam a uma ordem, também o carrasco encontra-se sob uma ameaça de morte. Mas ele se liberta dela na medida em que ele próprio mata. Passa imediatamente adiante aquilo que poderia acontecer-lhe, antecipando assim a sanção extrema a que está sujeito. Foi-lhe dito que ele tem de matar — e ele mata. Não está numa posição que lhe permita reagir a uma tal ordem, a qual lhe é dada por alguém cujo poder superior ele reconhece. Tudo tem de se passar rapidamente e, em geral, dá-se de imediato. Não há tempo para a formação de um *aguilhão*.

Mesmo, porém, que houvesse tempo para tanto, não há *motivo* para a formação do aguilhão. O carrasco, afinal, passa adiante exatamente aquilo que recebeu. Não tem o que temer e não preserva em si resquício algum. No seu caso, e apenas nele, a conta da ordem não deixa resto. Sua natureza mais profunda e a ação que ela provoca são idênticas. Cuidou-se previamente para que fosse cumprida; nada pode interferir no seu cumprimento; é improvável que a vítima escape. Desde o princípio, o carrasco tem consciência de todas essas circunstâncias. Ele pode encarar a ordem com tranquilidade: confia nela. Sabe que a execução não alterará coisa alguma nele. Passa por ela ileso, por assim dizer; ele próprio permanece intocado por ela. O carrasco é o mais satisfeito dos homens, e o mais desprovido de aguilhões.

Trata-se de uma situação monstruosa, jamais encarada com a devida seriedade. Só se pode compreendê-la levando-se em consideração a verdadeira natureza da ordem. Esta vive e morre em função da ameaça de morte: é dela que retira toda a sua força. O excedente dessa força, inevitável, explica a formação do aguilhão. Aquelas ordens, porém, nas quais a ameaça de morte é efetiva, aquelas que visam essa morte e realmente conduzem a ela, essas são as que menos marcas deixam em seu receptor.

O carrasco é, pois, um homem a quem se ameaça de morte para que ele mate. Só lhe é permitido matar quem ele deve matar. Se se atém exclusivamente a sua ordem, nada pode lhe acontecer. Por certo, deixará também que interfiram em sua execução coisas das quais, em outras ocasiões, foi ameaçado. É de se supor que vincule a essa execução muitos aguilhões de natureza diversa, nele armazenados. Essencial, entretanto, permanece sendo o mecanismo de sua verdadeira incumbência. Na medida em que mata, ele se liberta da morte. Para ele, trata-se de um trabalho limpo, e não de algo sinistro. O pavor que desperta nos outros, ele não o abriga em si. É importante que se tenha clareza a esse respeito: os matadores oficiais ficarão tanto mais satisfeitos interiormente quanto mais as ordens que receberem conduzirem diretamente à morte. Até mesmo um carcereiro enfrenta dificuldades maiores do que um carrasco.

É verdade que, pelo prazer que sente em seu ofício, a sociedade castiga-o com uma espécie de proscricção. Também esta, porém, não se faz acompanhar verdadeiramente de uma desvantagem para ele. O carrasco sobrevive a cada uma de suas vítimas "sem ter culpa alguma". Algo do prestígio do sobrevivente incide também sobre ele, que é apenas uma ferramenta, compensando plenamente aquela proscricção. Ele encontra uma esposa, tem filhos e leva uma vida em família.

#### ORDEM E RESPONSABILIDADE

É sabido que homens agindo sob ordens são capazes dos atos mais terríveis. Quando a fonte de suas ordens é obstruída e eles são obrigados a contemplar seus atos do passado, eles não reconhecem a si próprios. Dizem que não fizeram o que fizeram e nem sempre têm claro para si que estão mentindo. Se testemunhas comprovam-lhes a culpa, fazendo-os vacilar, ainda assim afirmam: "Eu não sou assim. Não posso ter feito isso". Procuram em si mesmos pelos vestígios de seus atos e não conseguem encontrá-los. Espanta a maneira pela qual permaneceram intocados por eles. A vida que posteriormente levam é, de fato, uma outra, não matizada de forma alguma pelos atos do passado. Não se sentem culpados e não se arrependem de nada. Seus atos não penetraram neles.

Trata-se de homens que, em geral, têm plenas condições de avaliar suas ações. O que fazem por conta própria deixa neles os vestígios esperados. Teriam vergonha de matar uma criatura desconhecida e indefesa que nada lhes tenha feito. Sentiriam nojo de torturar alguém. Não são melhores, mas também não são piores do que aqueles em meio aos quais vivem. Alguns dos que, pelo convívio diário, os conhecem intimamente seriam capazes de jurar que os estão inculpando de modo injusto.

Quando, então, a longa fila de testemunhas se apresenta, de vítimas que sabem muito bem do que estão falando; quando todas elas, uma após a outra, reconhecem o malfeitor, despertando-lhe na memória cada detalhe de seu comportamento — então, qualquer dúvida se faz absurda, e está-se diante de um mistério insolúvel.

Para nós, porém, que conhecemos a natureza da ordem, não se trata mais de um mistério. Cada ordem cumprida pelo malfeitor deixou nele um aguilhão. Este, contudo, é-lhe tão estranho quanto o foi a ordem, no momento em que ela foi dada. Por mais longamente que o aguilhão já esteja alojado nele, ele jamais é assimilado: permanece um corpo estranho. É, decerto, possível, conforme já se mostrou antes, que vários aguilhões se juntem, desenvolvendo uma nova e monstruosa formação; mas eles sempre

permanecerão nitidamente apartados de seu entorno. O aguilhão é um intruso: ele jamais se aclimata. É indesejado; todos querem livrar-se dele. Ele é o que se cometeu; possui, como se sabe, a forma exata da ordem. Na condição de uma instância estranha, segue vivendo em seu receptor, retirando-lhe todo sentimento de culpa. O malfeitor não acusa a si próprio, mas sim ao aguilhão, à instância estranha, ao verdadeiro criminoso, por assim dizer, que sempre carrega consigo. Quanto mais estranha a ordem lhe foi, menos culpa ele sentirá por sua causa, e com tanto mais clareza seguirá ela existindo isoladamente, na qualidade de aguilhão. Este é a testemunha permanente de que não foi o próprio malfeitor quem fez isto ou aquilo. Este último sente-se *a si próprio* como vítima, razão pela qual não nutre paixão alguma pela vítima real e verdadeira.

É, portanto, verdadeiro que homens agindo sob ordens consideram-se de todo inocentes. Se capazes de encarar sua situação, é possível que se espantem de, um dia, terem estado tão completamente sob o poder das ordens. Mas mesmo esse perspicaz sentimento não possui valor algum, pois se apresenta demasiado tarde, quando tudo já se acabou há muito tempo. O que aconteceu pode voltar a acontecer; não se desenvolve nesses homens uma proteção contra novas situações que sejam idênticas à antiga. Indefesos, eles permanecem à mercê da ordem, abrigando tão-só uma consciência assaz obscura de sua periculosidade. Nos casos mais evidentes e, felizmente, raros, fazem da ordem uma fatalidade, jactando-se de terem sido cegados por ela, como se o entregar-se a uma tal cegueira demandasse um caráter particularmente viril.

Seja de que ângulo for que se contemple a ordem, na forma compacta e acabada que ela, após uma longa história, apresenta hoje, tornou-se o mais perigoso componente isolado da convivência humana. Há que se ter a coragem de enfrentá-la e abalar-lhe a soberania. Instrumentos e caminhos precisam ser inventados para manter livre dela a maioria dos homens. Não se pode permitir que ela vá além de arranhar-lhes a pele. Necessário faz-se transformar-lhe os aguilhões em espinhozinhos removíveis a um leve roçar da mão.